

ALFAGUARA

Charles Bukowski

Sobre a escrita



Tradução de Guilherme Pires

Nota do editor



É praticamente impossível reproduzir de modo fiel as cartas de Bukowski, uma vez que muitas delas eram profusamente decoradas com desenhos e rabiscos. No mesmo sentido, toda a correspondência entre 1945 e 1954 foi escrita à mão — intervalo que corresponde ao infame período de dez anos de embriaguez de Bukowski, durante o qual afirmou, enganadoramente, que não escrevia nada, como se todo o material escrito à mão fosse insignificante — e não pode ser reproduzida de forma adequada neste volume. Todavia, reproduzem-se aqui, em fac-símile, algumas cartas nas quais se observam os seus traços característicos, para que os leitores as possam apreciar tal como Bukowski pretendia. De modo a preservar ainda mais a escrita peculiar da correspondência de Bukowski, reduzimos ao mínimo as alterações editoriais. Ao passo que a pontuação do escritor era bastante precisa, a sua ortografia era, quando muito, caprichosa, algo que ele admitia.

Nestes textos, os erros de digitação não intencionais foram silenciosamente corrigidos, mas mantivemos os erros de digitação deliberados, numa tentativa de preservar a sua voz tanto quanto possível¹. Do mesmo modo, omitimos as saudações e os encerramentos das missivas, em grande parte semelhantes. Bukowski foi um correspondente prolífico, e as suas cartas eram geralmente longas, discutindo tópicos não relacionados com a arte da escrita. Nestes casos, as omissões editoriais são representadas por [...]. As notas editoriais no texto também aparecem entre parênteses. Bukowski usava **MAIÚSCULAS** para dar ênfase, mas substituímos esta grafia por itálicos nos títulos de livros e por aspas nos títulos de poemas e de contos. Também estabelecemos padrões para a apresentação das datas e dos títulos. Com exceção destas poucas mudanças editoriais, as cartas surgem aqui tal como Bukowski as escreveu.

ABEL DEBRITTO



¹ Na presente edição, optámos por grafar estas gralhas propositadas do autor em itálico, e mantivemos as minúsculas que amiúde usava, muitas vezes sem qualquer padrão discernível, no início de frases. (*N. do T.*)

1945

Hallie Burnett, escritora norte-americana, coeditou com Whit Burnett a revista Story, a primeira que publicou um texto de Bukowski, em 1944.

[A Hallie Burnett]

Finais de outubro de 1945

Recebi a sua rejeição de «Whitman: His Poetry and Prose», além dos comentários informais dos vossos leitores de manuscritos.

Parece-me uma coisa divertida de se fazer.

Se alguma vez precisar de um novo leitor de manuscritos, diga-me alguma coisa. Não consigo arranjar trabalho em lado nenhum, por isso não perco nada em tentar a minha sorte consigo também.

1946

Caresse Crosby, editora e mecenas norte-americana, a quem a Time apelidou «madrinha literária da Geração Perdida dos escritores expatriados em Paris», publicou «20 Tanks of Kasseldown», um dos primeiros contos de Bukowski, no terceiro número da Portfolio: An International Review, em 1946.

[A Caresse Crosby]
9 de outubro de 1946





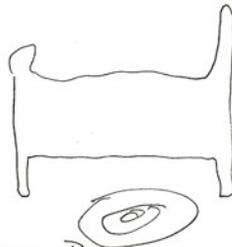
I LOST MY JOB.



MY FATHER BOUGHT ME A NEW SUIT AND SHIPPED ME TO PHILADELPHIA



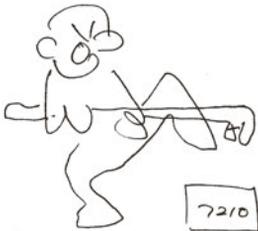
I LIVED ON SOCIAL SECURITY, HAD TOO MUCH TIME TO THINK AND DRINK -



I KEPT WONDERING ABOUT PORTFOLIO.



I WROTE DIVERS CONTUMELIOUS NOTES, LOOKING UP FRENCH WORDS IN THE BACK OF MY DICTIONARY. I WANTED A COPY OF PORTFOLIO WITH MY STORY IN IT. I HAD THE CRAZY BLUES, THE SUICIDIAL MANIA, THE WINE DREAMS. I NEEDED A SPIRITUAL LIFT, I WAS ENTHUSIASTIC IN MY DEMANDS. AFTER SEVERAL INTERCHANGES, I GOT IT (PORTFOLIO)



I AM NOW WORKING IN A TOOL WAREHOUSE -





YET I KEEP WONDERING. WHERE ARE THOSE STORIES AND SKETCHES I SENT HER IN MARCH 1946? IS SHE ANGRY? IS THIS HER REVENGE? DID SHE BURN MY THINGS? DID SHE MAKE THE PAGES INTO PAPER BOATS FOR THE BATHTUB? OR DOES HENRY MILLER SLEEP WITH THEM UNDER HIS MATTRESS?

I CAN WAIT NO LONGER.

IF I RECEIVE NO ANSWER, I'LL HAVE MY ANSWER,

Truly,
Charles Bukowski
603 N. 17 TH. ST.
PHILA, 30, PA.

Cara Sra. Crosby,

Eu estava a trabalhar numa fábrica de molduras e entregue à bebida quando a senhora aceitou um dos meus contos. Na carta dizia que «era intrigante e profundo».

Perdi o emprego. O meu pai comprou-me um fato novo e enviou-me para Filadélfia.

Vivi de apoios sociais, tinha demasiado tempo para pensar e beber — não conseguia deixar de pensar na *Portfolio*.

Escrevi diversas notas insolentes, pesquisando palavras francesas no meu dicionário. Queria ter um exemplar da *Portfolio* em que publicou o meu conto. Tinha a profunda melancolia, a obsessão suicida, os sonhos ébrios. Precisava de um empurrão espiritual, sentia-me entusiástico nas minhas exigências. Após troca de missivas, obtive-a (a *Portfolio*).

Agora trabalho num armazém de ferramentas — e bebo.

E no entanto continuo mergulhado em pensamentos. Onde estão os contos e os esboços que lhe enviei em março de 1946? Estará zangada? Será esta a sua vingança? Terá queimado os meus escritos? Terá feito barcos de papel das minhas folhas para usar na banheira? Ou será que o Henry Miller dorme com eles debaixo do colchão?

Já não consigo esperar mais.

Se não receber resposta, terei a minha resposta.

Com estima,
Charles Bukowski

[A Caresse Crosby]
Novembro de 1946

Tenho de lhe escrever mais uma vez para dizer que fiquei muito satisfeito por receber aquela deliciosa fotografia — Roma, 1946 — e a sua nota. Quanto aos manuscritos perdidos — que se lixem: seja como for, não eram grande coisa, exceto, talvez, alguns esboços violentos que fiz enquanto vivi à custa dos meus pais em Los Angeles. Bom, ignoremos isto: sou um poeta, *et al.*

A bebida ainda me deixa hesitante — vendi a máquina de escrever. Ainda assim, ah ah, escrevo as minhas coisas à mão, tudo em maiúsculas, com tinta. Consegui livrar-me de três contos razoáveis e de quatro poemas insatisfatórios, vendi-os à *Matrix*, uma «pequena revista» deveras antiquada de Filadélfia.

Sou uma pessoa demasiado nervosa para pedir boleia até Washington de forma a me encontrar consigo. Desfazerm-me-ia em todo o tipo de breves poemas. Ainda assim, agradeço-lhe sinceramente. Tem sido muito, muito correta para comigo.

Talvez lhe envie alguma coisa em breve, mas não por agora. O que quer que isso signifique.

1947

Whit Burnett foi, com a sua mulher, Martha Foley, fundador e editor da revista Story, que publicava contos de novos autores.

[A Whit Burnett]
27 de abril de 1947

Agradeço-lhe a nota que enviou.

Não me parece que venha a escrever um romance — não sinto esse impulso, embora já tenha pensado sobre o assunto, e algum dia talvez tente. Já tenho título, *Blessed Factotum*,² e o livro seria sobre os trabalhadores de classe baixa, sobre fábricas e cidades e coragem e fealdade e embriaguez. Mas não acredito que se o escrevesse agora faria alguma coisa de jeito. Preciso de ganhar o entusiasmo necessário. Além disso, neste momento tenho tantas preocupações pessoais que não estou sequer capaz de olhar para um espelho, quanto mais trabalhar num livro. Estou, contudo, surpreso e agradado com o seu interesse.

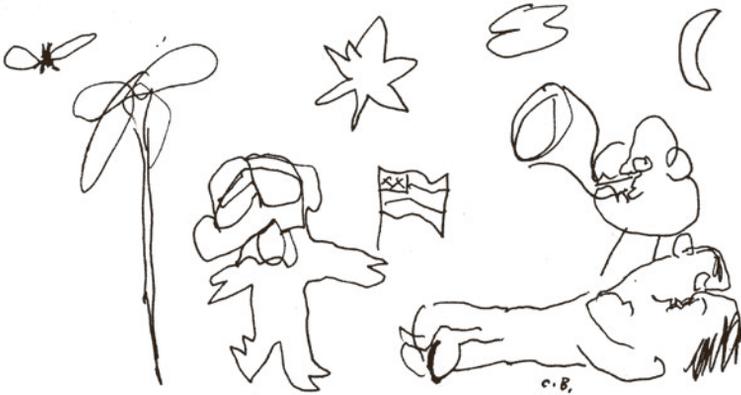
Neste momento, não tenho mais esboços, estou sem histórias. A *Matrix* ficou com o único que fiz assim.

² O livro efetivamente publicado pela Black Sparrow Press teria o título *Factotum*. (N. do T.)

Nos últimos tempos, o mundo decidiu agarrar o pequeno Charles pelos tomates, e não sobra grande escritor, Whit. Por isso, receber as suas novidades foi mesmo encantador.

1953

[A Caresse Crosby]
7 de agosto de 1953



8-7-53

Hello Mrs. Crosby:

Saw in book review (never really read one, but) your name, "Pail Press."

You printed me sometime back in "Portfolio," one of the earliest (1946 or so?). Well, one time come into town off long drunk, forced to live with parents during feeble climate. Thing is, parents read story ("20 TANKS FROM KASSADOWN") and burnt whole damn "Portfolio." Now, no longer have copy. Only piece missing from my few published works. If

you have an extra copy ????? (and I don't see why
in the hell you should ~~have~~ have) it would do me a
lot of good if you would ship it to me.

I don't write so much now, I'm getting on to 33,
pat-belly and creeping dementia. Sold my typewriter to
go on a drunk 6 or 7 years ago and haven't gather
enough non-alcoholic \$ to buy another. Now print
my occasional out by hand and point them up with
drawings (like any other madman). Sometimes I just
throw the stories away and hang the drawings up in
the bathroom (sometimes on the roller).

Hope you have "20 TANKS". Would appreciate.

Love,

Charles Bukowski

268⁴/₆ S. Coronado St.

Los Angeles, Calif.

(268⁴/₆ S. CORONADO ST.)



Olá, Sra. Crosby.

Vi o seu nome na recensão de um livro no «Dail Press» (nunca as leio, mas).

Publicou-me há algum tempo na *Portfolio*, num dos números mais antigos (1946, talvez?). Bom, certo dia, depois de uma longa bebedeira, voltei para a cidade, forçado a viver com os meus pais durante um período de fragilidade. A questão é que os meus pais leram o conto («20 Tanks of Kasseldown») e queimaram a *Portfolio*. Agora, já não a tenho. É a única peça que me falta das minhas poucas obras publicadas. Se tivesse por aí um exemplar de sobra (e não vejo por que raio *teria*), far-me-ia muito bem se mo enviasse por correio.

Hoje em dia já não escrevo tanto, tenho quase 33 anos, barriga de cerveja e uma loucura que vai tomando conta de mim. Há uns 6 ou 7 anos vendi a minha máquina de escrever para me embebedar e não tenho conseguido obter suficientes \$ não-alcoólicos para comprar outra. Agora registo os meus textos ocasionais à mão, em maiúsculas, e junto-lhes ilustrações (como qualquer outro louco). Por vezes desfaço-me dos contos e penduro os desenhos na casa de banho (ocasionalmente, no suporte do papel higiénico).

Espero que tenha a edição do «20 Tanks». Ficar-lhe-ia agradecido.

Com amor,
Charles Bukowski

Judson Crews, poeta, editor e livreiro norte-americano, publicou um poema de Bukowski na revista The Naked Ear em 1957, depois de ter rejeitado a sua poesia durante anos.

[A Judson Crews]
Finais de 1953

O senhor envia as únicas rejeições agradáveis que se recebem na América. É bom ter notícias além dessas fotos deliciosas! Deve ser um tipo impecável, imagino.

Fiquei impressionado com a sua última edição da *Naked Ear*. Tresandava a vivacidade e arte muito mais do que, digamos, a última edição da *Kenyon Review*. Eis o resultado de se publicar o que se quer em vez do que é *apropriado* publicar. Continue assim.

Ontem conheci a Janet Knauff. Ela conhece-o. Levei-a ao hipódromo.

[A Judson Crews]
4 de novembro de 1953

Vou ser franco consigo. Guarde esses poemas o tempo que quiser, porque, quando os devolver, vou deitá-los fora.

Com exceção dos novos, que estão no início, estes poemas foram rejeitados pela revista *Poetry* e por uma nova publicação, a *Embryo*. Recebi comentários favoráveis, etc., mas eles não acham que o meu material seja poesia. Percebo o que querem dizer. A ideia está lá, mas não chego ao osso. Não sei manobrar os mecanismos. A poesia

não me interessa. Não sei o que me interessa. A ausência de monotonia, suponho. A poesia certinha é poesia morta, mesmo que tenha bom aspeto.

Guarde estas coisas o tempo que quiser. O senhor é o único que mostrou interesse. Se eu escrever mais poemas, envio-lhos a si.

Ruminações profundas e acutilantes sobre o ofício da escrita e a vida do escritor, pela pena de um dos criadores mais extravagantes da literatura norte-americana.

«Criar é uma dádiva e deixa-nos doentes. Tem-me espancado e quebrado os ossos, tem-me acordado para me obrigar a fitar as paredes das cinco da manhã. E as contemplações levam à loucura, como um cão a desfazer um boneco de trapos numa casa vazia. Observa, diz-nos uma voz, o terror e o que está além do terror [...]»

Charles Bukowski foi um dos mais iconoclastas autores do século xx, e os seus poemas, contos e ficções deixaram uma marca indelével na cultura contemporânea. Nesta coletânea de correspondência — cartas a editores, tradutores, críticos e outros escritores, como Henry Miller ou Lawrence Ferlinghetti —, ganhamos um precioso vislumbre sobre o Bukowski para lá da lenda: o artista que concebe o seu edifício literário, o escritor obsessivamente dedicado ao seu ofício, o homem preocupado com o estado do mundo no pós-guerra.

Conhecemos também a bagagem de leituras de Bukowski, assim como os seus ódios literários de estimação — a geração Beat, Hemingway e até Shakespeare — e aqueles que considerava seus mestres — Dostoiévski, Knut Hamsun, Céline ou John Fante.

O volume inédito, que abre em 1945 e fecha poucos meses antes da sua morte, em 1993, é um compêndio de reflexões sagazes, farpas afiadas e tiradas memoráveis de um dos grandes ícones da contracultura americana, que retratou como ninguém os devassos e os oprimidos. Um documento extraordinário sobre a arte da escrita.



«Estas cartas são um passeio selvagem pelo ego, pelo alcoolismo, pela misantropia, mas também pela erudição e genialidade de alguém, como diz Bukowski, “abençoado pela graça do mundo”»

Publishers Weekly

«As cartas do poeta são simultaneamente jocosas, arrogantes, autodepreciativas e contra o mundo, mas sempre divertidas. O veredito: os fãs de Bukowski agradecerão esta nova coletânea.»

Library Journal



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora
i penguinlivros

ISBN 9789897848681



9 789897 848681 >